

A POÉTICA DA *RELAÇÃO*: O CARIBE EM CONEXÃO COM O MUNDO

Maria Fernanda Isidoro Chaves (UFRJ)¹

Resumo: Em um mundo cada dia mais xenofóbico, racista e homofóbico, onde a intolerância e o discurso de ódio ganham espaço, faz-se urgente e necessária a *Poética da Relação*, proposta por Édouard Glissant. Para o ensaísta, a condição insular do Caribe proporciona a abertura ao outro por meio de pensamentos em constante construção, ao mesmo tempo locais e universais. Para Glissant, as ilhas caribenhas metamorfoseiam-se de meras superfícies de trânsito a espaços que proporcionaram a transculturação, fazendo do Caribe um mar que descentra, ao contrário do Mediterrâneo que, segundo o próprio autor, concentra. Enquanto local de passagem, o Caribe torna-se uma oportunidade para a *Relação* já que essa é sinônimo de *movimento*.

Palavras-chave: Glissant; insularismo; movimento; Relação; rizoma.

O termo *insularismo*, apresentado com um conceito além daquele ligado a questões geográficas que o definem como tudo aquilo que pertence ou se refere a ilhas ou conjunto de ilhas, foi cunhado pelo porto-riquenho Antonio S. Pedreira, em 1934. Em sua obra *Insularismo- ensayos de interpretación Puertorriqueña* (1934), na qual explora pela primeira vez o conceito, o autor busca traçar uma definição do que é ser porto-riquenho, considerando, para isso, o fato de o país pertencer a um arquipélago, buscando determinar ainda como tal condição insular foi capaz de definir o comportamento, a personalidade e, “el ritmo vital que nos define²” (PEDREIRA, 1968, p. 21). Para o autor, a condição arquipelagária do Caribe é responsável por um sentimento de melancolia e isolamento, causados não apenas por um determinismo geográfico que distancia as ilhas do contato com o resto do mundo, mas, sobretudo por uma questão histórico-política que conduz, a todo o momento, seu povo às condições de pobreza, escravidão e retomada de sua situação colonial.

Para Pedreira, a chegada dos espanhóis ao continente, seguida de negros africanos e da posterior fusão entre esses dois povos, foi responsável pela “confusão” que formou as estruturas do povo porto-riquenho e que será uma das causas da sua latente melancolia: “El elemento español funda nuestro pueblo y se funde con las demás razas. De esta *fusión* parte nuestra *con-fusión*³” (PEDREIRA, 1968, p.25). Até o século XVIII, Porto Rico teve seus autóctones praticamente dizimados por guerras e doenças trazidas pelos europeus, sofrendo, assim, seu primeiro golpe identitário, o que fez com

¹Graduada em Letras (UFF), Doutoranda em Literaturas Hispânicas (UFRJ). Email: isichaves@hotmail.com.

²Todas as traduções, tanto do original francês como do espanhol, são nossas: o ritmo vital que nos define.

³O elemento espanhol funda nosso povo e se funde com as demais raças. Desta *fusão* parte nossa *con-fusão*.

que os ilhéus adotassem a cultura, a língua e a religião espanholas. Enquanto ainda buscavam definir sua identidade, incorporando as influências espanholas ao seu modo de vida, os porto-riquenhos sofrem outro golpe quando têm, em 1898, seu território dominado pelos Estados Unidos e passam, então, a incorporar os costumes, a língua e a política americanos. Ainda segundo Pedreira, dizimados os índios do território americano, restaram apenas dois povos para dar continuidade à fusão em nosso continente: o branco e o negro. Tais povos, entretanto, apresentavam características não apenas físicas, mas políticas, sociológicas, religiosas e sociais totalmente antagônicas: um era considerado superior, o outro inferior; um mandava, enquanto o outro obedecia; um era dono de fazendas, o outro empregado. Esse processo de miscigenação foi, segundo Pedreira, responsável pela criação de um povo passivo, subordinado, apático, que não sabe ao certo em que ponto começa ou termina sua origem, consolidando ainda mais a situação de esmorecimento e enfado tão características, segundo ele, de seu povo insular. Para Pedreira, o termo *insularismo* é, assim, sinônimo de desalento, de prostração e de enfado, sentimentos que levam os povos insulares do Caribe ao isolamento e ao enclausuramento dentro de seu próprio espaço:

Cuando se atiende al volumen de la tierra acosada de terremotos, de temporales y de impuestos; cuando se cala la impotencia del hombre para luchar desventajosamente con su composición biológica y su tragedia política; cuando se contempla el paisaje o se escuchan los apenados tonos de una danza; cuando, en fin, se mira al fondo de nuestra afirmación, tan picada de inconvenientes, se pueden descubrir los viejos surtidores de nuestra melancolía⁴ (PEDREIRA, 1968, p.32).

Em 1937, o poeta, ensaísta e romancista cubano José Lezama (1910-1976) Lima retoma o termo *insularismo* ao empregá-lo em um colóquio realizado na cidade de Havana durante conversa com o, à época, já reconhecido poeta espanhol Juan Ramón Jiménez. Lezama, ainda um jovem desconhecido de apenas 26 anos, indaga a Jiménez se ele: “¿no ha percibido ciertos elementos de sensibilidad, que nos hagan pensar en la posibilidad del «insularismo»?⁵”. Segundo Lezama, a condição insular do Caribe, associada a fatores históricos que lhe são peculiares, é capaz de proporcionar aos seus habitantes uma percepção sobre o mundo e as relações humanas que não poderá ser

⁴Quando se conhece o volume de terra assolada por terremotos, por tempestades e por impostos; quando a impotência do homem se cala para lutar desvantajosamente com sua composição biológica e sua tragédia política; quando se contempla a paisagem ou se ouvem os tons aflitos de uma dança; quando, em suma, se olha a fundo nossa afirmação, tão sufocada de inconvenientes, se pode descobrir as velhas fontes de nossa melancolia.

⁵certos elementos de sensibilidade que nos façam pensar na possibilidade de *um insularismo*.

encontrada em nenhum outro povo, nem mesmo nos demais povos insulares, pois, para Lezama: “ «Insularismo» ha de entenderse no tanto en su acepción geográfica, que desde luego no deja de interesarnos, sino, sobre todo, en cuanto al problema que plantea en la historia de la cultura y aun de la sensibilidad⁶”.

Ao contrário do que afirma Pedreira, entretanto, para Lezama, a condição insular do povo caribenho não traz enfado nem melancolia. Para o cubano, as ilhas são muito mais do que um mero espaço físico que permite a síntese entre povo, natureza e história: são também espaços simbólicos que proporcionam a construção de um sistema de pensamento único. O conceito de *insularismo* para Lezama está baseado no “sentimiento de lontananza⁷” e no “vivir hacia dentro⁸”, dois axiomas de caráter antagônicos que serão os responsáveis pela criação de uma visão de mundo baseada no contraditório e por isso dual, não-linear, não cartesiana e sobretudo, aberta ao novo e ao Outro.

Embora o termo *insularismo* não esteja presente na obra de Édouard Glissant (1928-2011), o autor, ao nos apresentar sua *Poética da Relação*, dialoga com a expressão lezamiana ao afirmar que a condição insular do Caribe proporciona a abertura ao outro por meio de pensamentos inacabados, em constante construção, ao mesmo tempo locais e universais. Assim como António Pedreira e Lezama Lima, Glissant irá recorrer à História para tentar explicar como as ilhas caribenhas passam de meras superfícies de trânsito a espaços que, segundo ele, proporcionam, por meio do contato e da troca de influências, a possibilidade de uma ebulição transcultural.

De acordo com Glissant, “La Plantations est un des lieux focaux où se sont élaborés quelques-uns des modes actuels de la Relation⁹” (GLISSANT, 1990, p. 79) e ainda que o processo de *plantations* tenha sido responsável pela instauração de uma sociedade desigual e miserável, esse sistema - que esteve fortemente presente nas Antilhas com a produção açucareira - foi determinante para a construção e a consolidação desse Caribe transcultural. Fernando Ortiz, em seu célebre ensaio *Contrapunteo cubano del tabaco y del azúcar* (1983), chama a atenção para o fato de que as *plantations* instauraram, na América Latina, a escravidão, o patriarcado e a monocultura, tornando escassos alimentos tropicais nativos, como a banana e o abacaxi.

⁶há de entender-se Insularismo não apenas em sua concepção geográfica, que não deixa de nos interessar, mas, sobretudo, quanto ao problema colocado na história da cultura e mesmo da sensibilidade.

⁷Sentimento de distanciamento.

⁸Viver para dentro.

⁹A Plantation é um dos locais centrais onde são elaborados alguns dos modelos atuais da Relação.

Como tinham o objetivo de abastecer primordialmente o mercado externo - em sua maior parte países europeus - o regime de *plantations* não se preocupava com o interesse econômico das colônias onde originalmente os alimentos eram plantados. Dessa forma, as *plantations* deixaram, em toda a América Latina, um rastro de subdesenvolvimento, por meio da exploração da mão de obra de negros escravizados, da introdução dos latifúndios e do descaso com a economia local. Por outro lado, também foram responsáveis pelos processos iniciais de miscigenação, ao trazerem da África a mão de obra negra que faria funcionar as engrenagens dos moinhos nos engenhos. Para Ortiz, as *plantations* eram sinônimo de mestiçagem, pois: “[...] desde su origen, [...] en su producción fundieronse siempre las energias de blancos y negros¹⁰” (ORTIZ, 1983, p. 49).

As *plantations* latino-americanas produziram, sobretudo, cana para a extração de açúcar, processo que exigia mão de obra forte, robusta, não qualificada e em grande quantidade, o que fez com que africanos viessem para o continente e, mesmo sendo escravizados, trouxessem para a América sua língua, sua cultura e seu modo de viver. Entretanto, ao aqui chegarem na condição de escravos, tiveram seu direito de expressar seus cantos, sua fé e sua cultura tolhidos por seus senhores, que os julgavam inferiores. Para Glissant, essa situação de submissão e a tentativa de aniquilamento da cultura negra não tornaram o povo melancólico e depressivo, como afirmou Pedreira. Tal conjuntura, que para o porto-riquenho acabou por proporcionar um enclausuramento de seu povo para dentro de si mesmo, para Glissant foi responsável por viabilizar novas formas de expressão, já que o negro precisou, então, encontrar meios não convencionais para se expressar e evitar o isolamento.

Não tendo acesso à escrita, o pensamento negro estruturou-se por meio da oralidade e definiu-se, assim, na ausência de regras preestabelecidas, à base do acaso e, podendo ser interrompido a qualquer momento já que era reprimido pelo branco, arquitetava-se ainda sob a descontinuidade e o inesperado. Como estratégia de fuga de uma possível repressão branca, o negro manifesta-se por meio de metáforas que recorrem a símbolos fechados e se afastam da relação de feitos e gestos cotidianos que pudessem ser entendidos por todos, criando uma expressão “velada” que vista de fora poderia não dizer nada, mas que para eles representava muito, uma forma de “Dire en ne disant pas¹¹” (GLISSANT, 1990, p.83). Assim, a música negra, as religiões afro, as

¹⁰[...] Desde sua origem, [...] em sua produção, fundiram-se sempre as energias de brancos e negros.

¹¹Dizer sem dizer.

lutas por igualdade de direito, as palavras de origem africana que perduram ainda hoje: “Sont le cri de la Plantation, transfiguré en paroles du monde¹²” (GLISSANT, 1990, p.88).

A consolidação de tal sistema de pensamento que valoriza o inédito, a ousadia e tem um imaginário baseado no insólito só foi possível pois encontrou nos espaços insulares um pensamento “aberto”, ao contrário daquele presente no continente, binário e “fechado”, já que, para Glissant, o Caribe é um mar que descentra, ao contrário do Mediterrâneo, que concentra. Para o autor, o posicionamento geográfico estratégico das ilhas caribenhas fez delas espaços de trânsito responsáveis por levar e ao mesmo tempo receber o novo, o inesperado. Sendo historicamente uma região de passagem entre Europa e América, seus fluxos constantes e intensos construíram nos ilhéus um sistema de pensamento aberto ao diferente, que não vê no outro um inimigo, mas uma possibilidade de ver o mundo e as relações humanas através de outro prisma. A imagem das ilhas à deriva, rodeadas pelo mar às vezes calmo e sereno, às vezes mortal e indomável, traz a ideia permanente de instabilidade e acaba por negar, assim, a definição de ponto fixo, de origem única, que estabelece o conceito de centro e periferia, valorizando tudo o que é produzido no primeiro e desprezando toda a produção do segundo.

O caldeirão cultural que as terras caribenhas vivenciaram desde o século XVI proporcionou a troca de informações, a frequente interatividade e ofereceu, sobretudo, a condição de formação do povo por meio da alteridade, fazendo do Caribe, desde sempre, um microcosmo do que pode e deve ser o pensamento universal, através daquilo que Glissant convencionou chamar de *Relação*.

Para finalizar, enquanto local de passagem, o Caribe torna-se uma oportunidade para a *Relação* já que essa é, conforme o martiniquenho, sinônimo de *movimento*. “En ce qui me concerne, je cite la Caraïbe comme un des lieux du monde où la relation le plus visiblement se donne, une des zones d’éclat où elle paraît se renforcer¹³” (GLISSANT, 1990, p. 46). A *Relação* é, assim, o soerguimento de ver no outro uma extensão de si mesmo, é ter consciência de que ninguém “é”, mas todos “estão sendo”. Tal concepção só é possível quando deixamos de considerar os territórios como espaços a conquistar, ideia que pressupõe soberania, desejo de imposição, e passamos a buscar

¹²São o grito da Plantation, transfigurado em palavras do mundo.

¹³No que me concerne, cito o Caribe como um dos lugares do mundo onde a relação mais visivelmente se dá, uma das zonas de destaque onde ela parece se reforçar.

nesses espaços aquilo que nos completa e nos permite “continuar sendo”. Glissant sugere, assim, chegar a um lugar com sede de *conhecimento* e não de *descobrimto*: “À partir du moment où les cultures, les terres, les femmes et les hommes ne furent plus à découvrir mais à connaître, la Relation a figuré un absolu [...]”¹⁴ (GLISSANT, 1990, p. 39).

Para Glissant, é preciso transformar a relação em *Relação*, pois, segundo ele, a simples relação se estabelece em qualquer cultura a partir do encontro de povos, mas normalmente, aniquila a voz das minorias, cala seus desejos e ignora suas necessidades. Para ultrapassarmos esse estágio e atingirmos a *Relação* é preciso abandonar ainda o conceito de raiz e adotar, em oposição, o conceito de *rizoma* sugerido pelos franceses Gilles Deleuze e Félix Guattari.

Em sua obra *Mille Plateaux: Capitalisme et schizophrénie* (1980) os autores recorrem à biologia para explicar o quanto a imagem de *raiz* vincula-se à unidade, a um ponto fixo e, portanto, a uma relação binária, já desgastada e reducionista, enquanto o *rizoma*:

[...] não se deixa reconduzir nem ao Uno nem ao múltiplo. Ele não é o Uno que se torna dois, nem mesmo que se tornaria diretamente três, quatro ou cinco etc. [...] Ele não é feito de unidades, mas de dimensões, ou antes de direções movediças. Ele não tem começo nem fim, mas sempre um meio pelo qual ele cresce e transborda (DELEUZE, 1996, p. 31).

A ideia de raiz carrega em sua etimologia a noção de que a origem de um pode ser mais enriquecedora ou importante que a do outro, pulverizando o cerne da *Relação* de que é preciso ver no diverso não uma ameaça, mas uma extensão que permite o crescimento e o enriquecimento pessoal de si mesmo. Enquanto a raiz é imóvel e apresenta uma única direção, conhecida, predefinida, o rizoma é polimorfo, cresce sem apresentar uma direção prévia. Suas *linhas de fuga* que remetem a tentáculos escapam da tentativa totalizadora do centro da raiz e fazem contato com outras raízes, seguem outras direções, expandem-se em inúmeros e inesperados caminhos. Não há, em um pensamento rizomático, o choque entre culturas, mas a possibilidade de encontros e desencontros, de cruzamentos e de transversalidades, proporcionados por suas múltiplas formas de organização e expressão.

¹⁴A partir do momento em que as culturas, as terras, as mulheres e os homens não buscarem mais descobrir, mas conhecer, a Relação figurou o absoluto.

O Caribe, graças a sua situação de espaço de trânsito, onde quase nada permanece, tudo a todo tempo se transforma não permite o enraizamento - nem de pessoas, nem de ideias, nem de pensamentos. Suas terras que servem de ponto de ligação entre uma extremidade e outra do ocidente são capazes de gerar a energia necessária para a Relação, condição vital capaz de nos fazer abandonar a intolerância, o medo do novo, o racismo e o preconceito, afinal a Relação é: [...] “ la possibilité pour chacun de s’y trouver, à tout moment, solidaire et solitaire¹⁵” (GLISSANT, 1990, p.146).

Referências bibliográficas:

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1996.

GLISSANT, Édouard. *Poétique de la Relation*. Paris: Gallimard, 1990.

GLISSANT, Édouard. *Introduction à une poétique du divers*. Paris: Gallimard, 1996.

LIMA, Lezama. *Nombrar las cosas: colóquio com Juan Ramón Jiménez*. Disponível em: < <http://yoandynombrar.blogspot.com.br/2010/08/coloquio-con-uan-ramon-imenez1.html>> Acesso em: 25 de julho de 2017.

ORTIZ, Fernando. *Contrapunteo cubano del tabaco y del azúcar*. Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1983.

PEDREIRA, Antonio. *Insularismo - Ensayos de interpretación puertorriqueña*. San Juan: Puerto Rico Edil, 1968.

¹⁵[...] a possibilidade para cada um encontrar-se, a todo momento, solidário e solitário.